

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 516	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	21 DE ABRIL DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Sua Magestade a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia, acompanhada por seu filho o Sr. Infante D. Affonso partiu de Lisboa, no dia 12 do corrente, em

roso incognito e alojando-se no Hotel Bristol, nos aposentos que costumam ser occupados pela Imperatriz d'Austria, e ás horas em que escrevemos estas linhas, sua magestade já deve estar em Roma onde chegará tambem por estes dias o imperador da Allemanha.

A visita do imperador Guilherme aos Reis de Italia tem dado muito que fallar nos altos circulos diplomaticos da Europa e tem sido muito commentada.

Attribue-se grande importancia politica a essa

El-Rei D. Carlos guiava na Avenida, e deu um *Viva a Republica*.

O facto não teve importancia alguma porque, preso immediatamente o rapaz, que soltara esse grito, se reconheceu ser um pobre e inoffensivo doido, que ha muito tempo dava indicios inequivocos de derranjo mental, e que ha annos fizera um escandalo no theatro Francez, discursara ao publico no meio do espectáculo e apresentando-se como o homem de mais talento de toda a França.

El-Rei D. Carlos continuou a passeiar na Ave-



A PRINCEZA D. MARIA ANNA DE BRAGANÇA E O GRÃO DUQUE GUILHERME DE LUXEMBURGO

(Cópia de photographia)

direcção á Italia onde vae assistir ás bodas de prata de seu irmão, El-Rei Humberto, que nos ultimos dias d'este mez completa 25 annos de casado.

A Sr.ª D. Maria Pia viaja incognita, com o titulo de condessa de Guimarães, e partiu n'uma carruagem do *Sud-express*; apesar porém de viajar incognita, a rainha regente de Hespanha foi esperar Sua Magestade á estação de Madrid com todo o ministerio e altos dignitarios e ahi offereceu á soberana portugueza um delicado almoço.

Em Paris a mãe d'El-Rei de Portugal esteve apenas tres dias, guardando sempre o mais rigo-

visita e alguns jornaes parisienses oppoem a essa visita a noticia da proxima vinda a Paris do Czar da Russia.

E' verdadeira esta noticia? E a sel-a terá a importancia e a significação que alegremente e ruidosamente lhe attribuem os jornaes parisienses, em que a lemos?

Ignoramos, mas um facto ainda muito recente e de que podemos ser bons juizes, pois foi passado comnosco portuguezes, aconselha-nos a estar muito de pé atraz com as noticias do estrangeiro, que apparecem nos jornaes de Paris.

Ha dias, como noticiamos na nossa ultima chronica, um pobre louco avançou para o *phaeton* que

nida, os jornaes da noite contaram a noticia com todos os pormenores, e ninguem, absolutamente ninguem, ligou a mais pequena importancia ao facto, que nenhuma tinha.

Pois d'ali a dias o *Figaro* de Paris publicava na sua primeira pagina, com toda a solemnidade, a seguinte noticia:

•Lisboa 7 d'Abri.

•Esta tarde, quando o rei andava passeiando na *Almeda*, um individuo, correctamente vestido, approximou-se da carruagem e fez fogo sobre o monarcha, sem lhe accertar. O auctor d'este attentado foi immediatamente preso pela policia.

•Não se acredita que fosse tentativa de crime

politico, porque o culpado pertence, segundo dizem, á melhor sociedade de Lisboa. A noticia d'este attentado produziu grande effervescencia na cidade.

«A policia recusa-se a dar informações sobre este caso.»

E aqui teem' como se escreve a historia e a confiança que nos devem merecer as noticias de sensação que ácerca dos paizes estrangeiros nos apparecem quotidianamente nos jornaes francezes.

E o *Figaro* é um dos jornaes mais bem informados de Paris.

Olhem se não fosse!

Tres ou quatro dias depois o jornal rectificou a noticia, contou como o *mysterioso* attentado se tinha dado, restabeleceu a verdade dos factos, mas n'esses tres ou quatro dias que a noticia correu mundo, quantos jornaes não terá corrido, que caminho não terá feito por esse mundo de Christo!

E é por estas e por outras que certas noticias que nos apparecem nos jornaes estrangeiros devemos pô-las sempre de quarentena!

E agora por quarentena! Foi finalmente levantada a quarenta imposta ao sr. Dr. José Julio Rodrigues, que muito melhor dos seus incommodos já sahio do Lazareto.

A doença do illustre professor, e a que nos referimos na nossa ultima chronica, deu logar a violento debate entre alguns medicos, acerca do seu diagnostico.

Uns insistiam em que era doença suspeita, outros que não, e finalmente parece que a razão estava do lado d'estes.

Antes assim.

A respeito de doenças.

Está gravemente enfermo com uma pneumonia o sr. Marquez de Ficalho.

Esta doença, que é sempre grave, é gravissima attenta á avanzada idade do illustre enfermo, que vae a caminho dos noventa annos e que já ha bastantes não pode sahir de casa pelo seu mau estado de saude.

A pneumonia declarou-se no sabbado, momentos depois de seu filho, o eminente professor, o sr. conde de Ficalho ter partido com El-Rei D. Carlos e com a rainha a sr.<sup>a</sup> D. Amelia para o Alvito, onde estiveram caçando tres dias.

O sr. Conde de Ficalho recebeu logo que chegou ao Alvito noticia da enfermidade grave do seu pae e partiu immediatamente para Lisboa.

Felizmente apesar da avanzada idade do enfermo, a doença parece que fez crise e tem-se manifestado algumas melhoras.

Está tambem enfermo ha já bastantes dias com uma esscarlatina o nosso querido amigo o sr. Pinheiro Chagas, mas a doença tem caminhado excellentemente e tudo faz prever que dentro em breve o illustre enfermo entre em plena convalescencia.

E segundo a opinião dos medidos distinctissimos que o tratam, parece que Pinheiro Chagas quando se restabelecer d'esta enfermidade aguda que o tem obrigado a estar quinze dias de cama, na mais rigorosa dieta, regimen lacteo, ficará tambem curado da dyspepsia de que ultimamente padecia e que o obrigara a restringir muito o seu trabalho.

Fazemos sinceros votos para que assim seja.

Vem a companhia franceza para S. Carlos? Não vem?

A resposta a estas interrogações tem occupado e preocupado muito o espirito da Lisboa que se diverte. Ao principio essa resposta era affirmativa.

Depois negativa. Na noite em que se realizou no theatro de S. Carlos a festa artistica do Valle, o grande actor comico, — festa que esteve muito animada e concorrida, e em que Valle desempenhou, pela primeira vez para nós, e magistralmente, a velha scena comica de Eduardo Garrido, *Um alho!* — dizia-se em todo o theatro que a companhia franceza não vinha porque era muito insignificante a assignatura que para ella havia.

Agora a resposta torna a ser affirmativa e parece que esta é que é a definitiva. A companhia vem porque, tendo-se prolongado o praso para a assi-

gnatura appareceram mais assignantes, e as recitas devem começar na semana que vem.

A companhia é de opera comica a valer e no repertorio figuram entre operas muito nossas conhecidas, como por exemplo a *Carmen*, a *Lakmé*, o *Fra-Diavolo*, outras que são inteiramente novas para nós e que devem fazer successo, como a *Manon Lescaut*, de Massenet, a *Jolie Fille de Perth*, de Bizet e a *Mireille* de Gounod.

Que a companhia venha e seja boa e o successo com certeza irá logo ao seu encontro.

Ha muito tempo, ha muitos annos, que os jornaes de Lisboa de vez em quando nos davam noticias dos primeiros passos d'um *enfant prodige* no piano, o menino Vianna da Motta, e depois dos seus progressos, e depois dos seus triumphos alcançados lá fóra, na Allemanha; em concertos, em espectaculos, ao pé das maiores notabilidades estrangeiras.

Finalmente Vianna da Motta appareceu em Portugal, e coisa que raras vezes acontece, o *menino prodigio* de hontem é hoje um artista prodigioso.

Foi tambem em S. Carlos, na noite do beneficio do Valle que ouvimos opiniões de mestres sobre o novo pianista, de mestres que o tinham ouvido dias antes, n'um concerto no salão Sasseti.

Essas opiniões eram tudo o que de mais lisonjeiro havia para o novo artista, e eram tão elogiosas, tão entusiasticas, que apesar de todo o credito que nos merecem as pessoas a quem as ouvimos, não pudemos deixar de as deitar um pouco á conta do nosso feitio meridional, muito impressionavel, que nos primeiros momentos, quando lhe dá para achar bom sobe logo ao alto da escada dos superlativos.

Um d'esses nossos informadores, um dos compositores mais illustres do nosso paiz, disse-nos que Vianna da Motta era superior a todos os pianistas mais notaveis, não só portuguezes como tambem estrangeiros da actualidade, que todas as celebridades do genero, ficavam a perder de vista, excepto uma — Rubinstein, e que era d'este colossal e estranho pianista que Vianna da Motta se aproximava muito.

Outro, um artista eximio, e de mais a mais official do mesmo officio, dizia que Vianna da Motta só se devia ouvir de joelhos...

Finalmente Vianna da Motta deu na segunda feira o seu primeiro concerto no salão da Trindade, e o publico confirmou plenamente a opinião d'esses dois illustres criticos.

Vianna da Motta não produziu só entusiasmo, como produziram Arthur Napoleão, a Essipoff, o Camillo Saint Saens, a Sophia Menche; foi mais longe, produziu assombro, como produzira no seu unico concerto em D. Maria o Rubinstein!

Vianna da Motta não é só uma gloria de Portugal, é uma gloria artistica da Europa: felicitamolo e congratulamo-nos por isso.

No seu primeiro concerto na Trindade houve uma scena commovente.

Vianna da Motta estudou no estrangeiro a expensas d'El-Rei D. Fernando, e a sr.<sup>a</sup> condessa d'Edla que depois da morte de seu marido nunca mais apparecera em nenhum espectaculo publico, quebrou esse seu recolhimento voluntario, para assistir ao primeiro concerto do illustre artista que El-Rei D. Fernando tanto protegera.

No fim da primeira parte do seu concerto, quando o publico o victoriava, o acclamava, Vianna da Motta, não esquecendo aquelle a quem devia o seu triumpho, foi ao camarote onde estava a sr.<sup>a</sup> condessa d'Edla beijar-lhe a mão.

O publico comprehendeu o que havia de bello, de grande, de sahto n'aquelle procedimento do illustre artista e irrompeu em entusiasticos applausos a Vianna da Motta e á viuva d'El-Rei D. Fernando.

E nos olhos da viuva e do artista e nos olhos de muitos que applaudiam, havia lagrimas de doce commoção.

Gervasio Lobato.

## CASAMENTO DO GRÃO-DUQUE

HERDEIRO DO LUXEMBURGO

COM D. MARIA ANNA DE BRAGANÇA

Dando hoje os retratos de suas altezas a infanta D. Maria Anna de Bragança e o grão-duque herdeiro do Luxemburgo, o OCCIDENTE, presta homenagem justa a uma princeza portugueza muito querida pelas suas virtudes e a um principe allemão da mais alta estirpe.

O grão-duque herdeiro nasceu em 22 de abril de 1852, pertence á casa dos Nassau e descende de Walram, rei dos romanos, tem seguido a religião protestante. Por este motivo, pela differença de religião, quando em 2 de março se celebraram em Munich os esponsaes do grão-duque herdeiro do Luxemburgo com a infanta de Portugal D. Maria Anna de Bragança, filha de el-rei D. Miguel I, esta senhora tomou as devidas precauções no que respeita á educação catholica dos filhos que venham a nascer de este casamento.

Prevalece na futura familia a religião da noiva, que é a catholica apostolica romana. E foi por isto que Sua Santidade o sapientissimo Papa Leão XIII se dignou abençoar paternalmente este ajuste de casamento. A *Nação* orgão em Portugal da Fidelissima familia real exilada publicava em 5 de março o seguinte telegramma dirigido ao sr. Conde da Redinha:

Lisboa 5 de março de 1893.

Minha filha Maria Anna foi pedida em casamento pelo Grão-Duque herdeiro do Luxemburgo.

Adelaide

«A noticia que este telegramma nos traz, é tão grata a todo o nosso corpo politico, que mitiga as amarguras que nos affligem e em nosso individual nome e no dos legitimistas portuguezes enviamos aos augustos Noivos e a toda a Real Familia Exilada os mais respeitosos e cordeaes parabens.»

Estas ultimas palavras que o mesmo jornal, decano da imprensa portugueza, accrescenta ao referido telegramma da viuva de D. Miguel I e mãe da infanta, prova bem a alta importancia de este enlace nas diversas côrtes da Europa.

A augusta filha do rei exilado, D. Maria Anna de Bragança, é a quinta filha do finado monarcha e de D. Adelaide de Loewenstein viuva de D. Miguel I, ex-rei de Portugal.

D. Maria Anna de Bragança é formosissima, de superiores qualidades de espirito e coração, em todo o esplendor da vida por isso que nasceu em 13 de julho de 1861.

O jornal de Paris *L'Univers* tendo noticia dos esponsaes do grão-duque herdeiro Guilherme de Luxemburgo com D. Maria Anna de Bragança, expressa-se n'estes termos:

«Deus ouve assim as preces e novenas do povo luxemburguez, que ha dois annos lhe pedia que desse ao seu grão-duque herdeiro uma esposa catholica; o grão-ducado tem apenas 2:089 habitantes não catholicos.»

«A escolha do grão-duque Guilherme causará geral satisfação em todo o grão-ducado do Luxemburgo, ao qual fica assim prometida, com uma princeza catholica, uma futura dynastia catholica.»

A noiva de Guilherme de Luxemburgo era a unica filha de D. Miguel I que ainda estava solteira. Actualmente a familia exilada tem por chefe o senhor Dom Miguel de Bragança filho do ex-rei de Portugal. É viuvo da princeza Izabel de Turn e Taxis. Este principe tem seis irmãs, a senhora que agora foi pedida em casamento e as cinco seguintes: D. Maria das Neves esposa do infante D. Affonso de Hespanha, D. Maria Theresza casada com o principe imperial de Austria, D. Maria Antonia com o duque de Parma, D. Aldegundes com o conde de Bardi, Henrique de Parma, e D. Maria José de Bragança com o principe da Baviera Carlos Theodoro.

Este enlace como dissemos causou a melhor impressão no povo luxemburguez.

Não pôde ser indifferente tambem a todos os portuguezes este casamento, porque a casa de Nassau, ligada intimamente á da familia real de Hollanda, tem pela linha dos Montmourancy immediatas relações com a nobilissima familia portugueza dos duques de Cadaval.

O grão duque reinante de Luxemburgo participou ao povo, por meio do seu ministro de estado, o sr. Eysechen, o casamento de seu filho, n'estes termos:

«Castello de Walferdange, 2 de março de 1893.

«Meu caro Eysechen.

«Apresso me em levar ao vosso conhecimento que meu filho, o Grão-Duque herdeiro, acaba de

pedir em casamento a Princesa Maria Anna de Bragança, Infanta de Portugal.

«Communicae a feliz noticia aos vossos collegas, á camara dos deputados e ao Conselho de Estado.

«Estou certo de que o povo luxemburguez partilhará dos meus sentimentos de alegria e de felicidade.

«Vosso muito affectuoso

Adolpho.»

É esta a comunicação official que o chefe do estado luxemburguez dirigiu á nação a cujos destinos preside.

A substituição do protestantismo, como religião official, pelo catholicismo é realmente um serviço prestado ao povo luxemburguez que assim o pe-dia, é honroso para nós portuguezes que isto seja alcançado por uma senhora portugueza da mais alta estirpe.

Manuel Barradas.

## EXPOSIÇÃO HISTORICO-EUROPEA DE MADRID

(Concluido do n.º antecedente)

**Armario de roble esculpido.** Trabalho portuguez do seculo XVI. Na talha d'este movel vem-se as quatro Estações, e nas mascaras dos guerreiros que ornã a cornija notam-se traços d'inspiração oriental.

**Uma meza de estylo indiano.** (Seculo XVI).

**Contador de estylo indiano,** ornamentado, assim como a peça anterior, embutidos circulares com centros de marfim. O rei D. Manuel mandou vir da India operarios indigenas, que fundaram em Lisboa uma interessante escola de ebanistas.

**Arca forrada de coiro,** com fechadura, cantos, argolla e ornatos de ferro. (Seculo XV).

**Arca de madeira,** cinco cravos e ornatos de ferro. (Seculo XVII). Exemplar característico.

**Arca de madeira esculpida.** Trabalho portuguez executado em Gôa.

**Medalhão em louza,** representando as armas portuguezas. Escudo encimado por uma corôa aberta, com sete castellos, do tempo de D. João II ou de D. Manuel. É da familia Lucca de la Robia, seculo XVI. Pertence ao mosteiro da Madre de Deus.

**Bordados Portuguezes:** docel de velludo carmezim bordado a matiz, relevo e ouro. (Fins do seculo XV). Pertencente á cathedral de Evora. Colchas portuguezas do seculo XVII. Casula de D. Theodosio de Bragança. Relevos de velludo sobre lhãma branca. Na orla central, bordados e pinturas sobre o tecido. Pertence á cathedral de Evora.

**Mitra com applicações de coiro recortado,** bordado em prata. Trabalho do seculo XV.

\* \* \*

**OURIVESARIA PORTUGUEZA.** A colleção de S. M. el-rei D. Carlos consta das peças seguintes:

**Dois grandes «Gomis» e pratos** correspondentes.

**Dois pratos** das dimensões dos anteriores.

**Oito fructeiros.**

As mencionadas dez peças são de prata batida e dourada. Caracterizam perfeitamente a arte portugueza no seculo XVI. A decoração expessamente agrupada, no que differe da hespanhola e da ornamentação italiana da mesma época, representa scenas biblicas, episodios de caça, de navegação e de guerra. Em alguns dos pratos teem palavras portuguezas e brazões nacionaes.

**Dois fructeiros sem pé.** Adornos de inspiração africana, representando palmeiras, elephantes e negros indigenas.

A colleção do Museu Nacional compõe-se:

**Um porta paz representando Nossa Senhora do Espinheiro em Evora.** Sobre um espinho está a Virgem e o menino, segundo uma antiga lenda milagrosa. Pertence ao antigo mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, Evora. É dos fins do seculo XV. É uma joia de importancia capital para a historia da ourivesaria portugueza na época do Renascimento.

**Custodia em estylo gothico** com elementos do Renascimento. (Principio do seculo XVI).

**Calix,** joia complexa. Parte byzantina, parte gothica.

**Imagem de Santo Antonio,** collocada sobre uma esphera armilar. Ornatos de filagrana (Seculo XVI).

**Dois cofres de concha com enfeites de prata lavrada.** (Seculo XVI).

**Relicario,** portatil. Exemplar raro, pertencente ao convento da Conceição de Beja.

**Patêna de Calix** em esmalte fino. Representa d'um lado a Ceia e do outro Christo e a Virgem.

**Ampulheta,** que pertenceu a el rei D. Manuel. Tem na tampa superior as armas reaes.

**Cofre em filagrana** de prata.

**Coco para agua,** com pedestal, ornatos e tampa de prata lavradas. Trabalho portuguez do seculo XVI. Pertence ao sr. Duque de Palmella.

**O Missal de Estevão Gonçalves,** E' um dos mais bellos manuscritos portuguezes. São preciosissimas as suas figuras de estylo raphaelesco, a aguarella sobre pergaminho.

\* \* \*

**PINTURA.** Esta secção, destinada a revelar a alta perfeição a que chegou em Portugal a arte da pintura no periodo do Renascimento, consta de oito quadros pintados a oleo em madeira, todos elles de estylo comunicado pela escola flamenga. A escola italiana, da qual foi chefe o pintor portuguez Francisco de Hollanda, não chegou a predominar na arte da pintura portugueza.

**Um retrato** representando o retrato contemporaneo e authentico de Vasco da Gama.

**Uma Sagrada Familia,** e comprehende entre os accessorios, utensilios domesticos de uzo tradicional no povo portuguez.

**Um quadro** representando um cavalleiro portuguez da Ordem de S. Thiago. Pertencia ao castello de Palmella e faz parte da colleção estudada pelo illustre critico hespanhol sr. Tubino.

**Um quadro** representando a *Epiphania*. As moedas que figuram em uma taça, offerenda aos pés da Virgem, são portuguezas, da época de el-rei D. Manuel. Uma das figuras principaes do quadro é o retrato do proprio soberano, assim como o do chronista Damião de Goes que é outro dos retratos do segundo plano.

**Um Bom Pastor** quadro citado pelo critico inglez Robinson como um dos que melhor representam a escola de Vizeu.

Um **taboas** pintadas por ambos os lados. Documentos para a historia da arte portugueza no seculo XVI. Estes quadros são exibidos ao publico pela primeira vez, representando o casamento de D. João III com a rainha D. Leonor. A benção nupcial d'aquelle consorcio, o desembarque das reliquias de Santa Anna em Lisboa, e a solemne entrada das mesmas reliquias na igreja da Madre de Deus.

Ainda uma *Epiphania*, quadro cujos caracteres são analogos ao outro que enunciamos.

\* \* \*

**SECÇÃO MARITIMA.** Consta dos documentos seguintes:

**A nau São Gabriel,** (1) reproducção da que comandava Vasco da Gama quando pela primeira vez aportou á India.

**Dois quadros com desenhos á pena,** feitos pelo official de marinha portugueza sr. Braz de Oliveira e representando, segundo documentos authenticos, os typos dos navios portuguezes no seculo XVI.

**Cincoenta e cinco quadros a oleo,** pintados do natural, representando nas suas dimensões verdadeiras as principaes variedades de peixes, moluscos e crustaceos que habitam as aguas de Portugal.

**Cincoenta e um modelos** de barcos de pesca de barcos de cabotagem e jangadas usadas nas aguas portuguezas.

**Colleção completa** de todos os trabalhos feitos a bordo dos navios da armada real, pelos marinheiros portuguezes. Consta dos seguintes objectos cujos nomes technologicos são:

*Nós, pinhas, voltas, costuras, gazetas, mixelos, unhoes, bocas, coxins, lingas, alcas, estropos, rabos, de raposa e de cavallo, repuxos, agulheiros, agulhas, palhetas, massettes, polés, noitões, estralheiras, teques, borlas, etc.*

A' nau *São Gabriel* corresponde uma luminosa memoria do sr. Baldaque da Silva.

Os modelos dos barcos de pesca e de cabotagem foram construidos pelos mesmos carpinteiros navaes que os fazem em tamanho natural.

Terminando, na parte bibliographica d'esta secção, figuram mappas, cartas dos portos e rios portuguezes e memorias demonstrativas referentes á navegação costeira e fluvial e á industria da pesca em Portugal.

(1) Vidé Occidente n.º 493.

## «MUJERES, VIDAS PARALELAS»

Novo livro original da escriptora hespanhola

D. CONCEPCION GIMENO DE FLAQUER

Simplesmente adoravel e encantador este mimoso livro em que o talento brilhante e erudição vasta da sua auctora se evidenciam desde a primeira linha até á ultima. O titulo de *Mujeres, vidas paralelas*, synthetisa bem as paginas assim epigraphadas.

N'um cotejamento de celebridades femeninas, estabelecendo paralelos entre umas e outras no mesmo genero, do mesmo nome, ou em outra qualquer afinidade, se desenrola o aprimorado livro.

Entre as damas, donzellas e mulheres estudadas pela illustre escriptora do reino visinho, não encontramos nenhuma portugueza.

Não será isto falta, nem peccado, por desconhecer D. Concepcion a nossa historia e litteratura pois que é mui instruida nos assumptos peninsulares e erudita em historia antiga. Talvez o seu livro fosse pequeno para o que havia a citar, assim nos diz o nosso coração de patriota.

Nas duzentas e sessenta e quatro paginas que tem o apreciavel volume, só a duzentas e dezaseis se nos depara a seguinte passagem com a qual a distincta escriptora reforça a ideia de que os povos que tem litteratura e affeição a ella, são os mais cultos e florescentes e que as bellas letras definem o caracter d'uma nação, as suas glorias e seus costumes, e tambem o clima e ceu.

«Um só livro — escreve a erudita auctora — deu mais importancia a Portugal do que as grandes façanhas, as atrevidas emprezas e importantes descobrimentos dos seus guerreiros e navegantes. O poema de Camões inalteceu a Luzitania e por isso se rende em Portugal ao egregio poeta um culto que se não tributa ao proprio Vasco da Gama.»

Na primeira pagina do seu livro, a auctora do — *El Doctor Aleman* — novella interessante que já lêmos e gostámos — diz, que as mulheres gregas eram rebaixadas nos codigos e enaltecidas pela poesia. Ora o estudo historico do direito ensinamos que as leis gregas davam á mulher umas certas garantias que hoje — no seculo de liberdade — lhe são tiradas. Haverá equivalencia, mas o rebaixamento não existia porque só depois veio a elevação.

Seguindo, assaz interessados, a leitura, notamos que aquella dedicacão heroica tão preconizada das mulheres de Sparta não era isolada, já Conrado II em Winsberg deu logar a uma prova mais bella de heroismo e d'amor conjugal.

No capitulo *Heroínas mexicanas e hespanholas*, quando falla de Beatriz Hernández de Olea antepõem-se-nos Izabel Fernandes, Brites Annes e tantas outras valentes.

Proseguindo, o heroismo de Catalán decerto que não excedeu o de D. Phillipa de Vilhena.

Emfim, continuar citando exemplos de illustres damas portuguezas e outras heroínas que escaparam ao estudo de tão notavel escriptora é pretensão que, por grosseira, não continuamos, a não ser um livro em reforço do da illustre auctora em que se narrassem — a seu exemplo — essas decantadas mulheres, das quaes algumas, embora se lhe hajam dado bastantes louvores, certas phases ha na sua vida que inspiram desprezo e horror.

\* \* \*

Vamos agora transcrever do livro de D. Concepcion Gimeno Flaquer, o capitulo XIII n.º iv. N'elle está o maior elogio da auctora das *Mujeres, vidas paralelas*. Ahi rende, tão formoso talento femenino, graças aos progressos e justiça que os homens tem feito no seculo XIX á emancipação da mulher, derruindo e apagando os prejuizos dos seculos em que os theologos maiores culpas tiveram...

Repetimos, n'esta invocação, que a douta escriptora faz ao progresso e ás conquistas universaes do seu sexo, está o maior elogio. Esta confissão é tão cheia de sinceridade quanto verdadeira.

Vertemos, pois, como homenagem, a mais bella que se pôde fazer, a tão interessante livro, producto d'uma instrucção bem pouco vulgar.

Escreve assim D. Concepcion:

«O seculo XIX, que pôde estar satisfeito dos seus inventos assombrosos e dos seus uteis descobrimentos, poderá gloriar-se com justa razão de ser o seculo que mais tem exalçado a mulher, e que mais tem feito em seu favor e que de bom

grado lhe cedeu um posto mais ou menos importante no concerto universal.

«Seculo das mulheres, assim será denominado pela historia o nosso seculo, posto que ainda n'elle não tenhamos alcançado tudo, o mais importante está feito que foi destruir as preocupações absurdas e espalhar com prodigalidade uma semente que, em épocas pouco distantes, ha de dar formosos fructos.

«Instruir a mulher é educar as gerações vindouras. Esta phrase repete-se mil vezes sem se lhe

reverenciada por seus meritos reaes. Para que o enfado não envenene as horas da vida da mulher é preciso que preste culto á religião do trabalho e para trabalhar necessita instrução: o seculo xix assim o comprehendeu e por isso abriu as portas do saber que tão hermeticamente haviam fechado os outros seculos.»

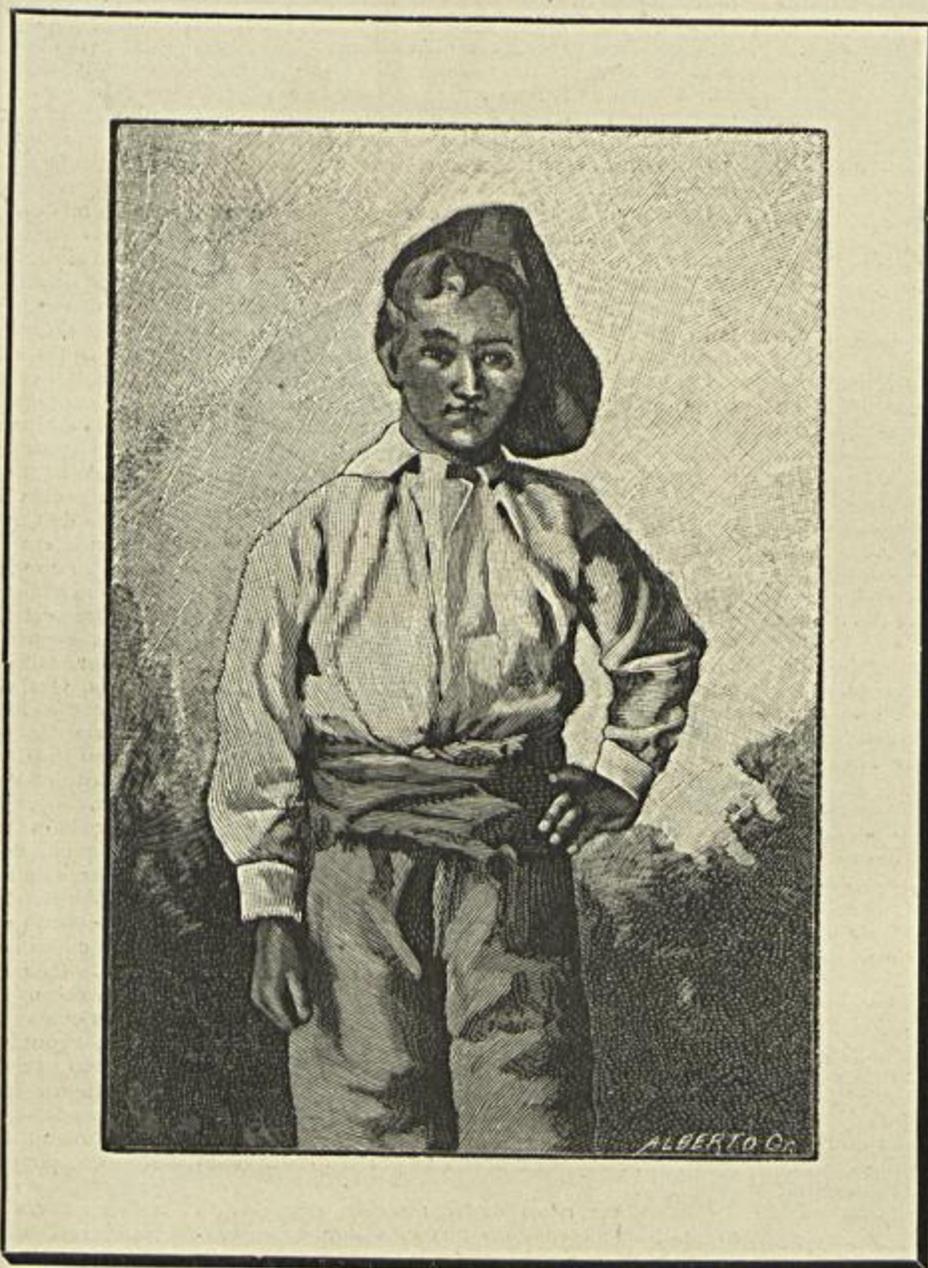
.....  
Já, Stuart Mill, o defensor do direito e do dever

E referindo-se ás conquistas e compensações dadas áquellas que trabalharam, ajunta D. Concepcion: «Bemdito seja o Progresso!»

«O nosso seculo é favoravel como nenhum á causa da mulher; quebrará todas as cadeias da sua escravidão moral dando-lhe, para defender-se da miseria, empregos que a livrem do doloroso sacrificio de entregar a sua mão ao homem a quem não ama.

«A mulher deve ao seculo xix a sua maior preponderancia.

## EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



### PESCADOR

QUADRÔ DE S. M. A RAINHA D. MARIA AMELIA

(Copia de photographia do sr. Camacho)

Vid. artigo Exposição do «Gremio Artistico» pag. 86

dar execução; no nosso seculo foi declarada axioma, tornando-se pratico o que só era theoria.

«Se ainda ha retrogados, que querem a mulher sumida na ignorancia, poucos, bem poucos se atrevem a proclamar taes ideias em publico. Os retrogados amam as trevas porque as suas de-beis pupilas não podem supportar a luz d'uma alvorada.

«O nosso seculo glorificou o trabalho, anathematisou a punivel ociosidade dos senhores feudaes; e, como a mulher é companheira inseparavel do homem, tem que associar-se a este em todas as innovações proveitosas. A mulher não póde ser no seculo presente um idolo mechanico adorado systematicamente: deve ser uma deusa

social disse, apoiando uma petição d'uma junta de damas de S. Petersburgo que pediam para professarem o ensino da historia scientifica e physiologica. Escreveu então o illustre economista inglez:

«A igualdade de acesso dos sexos, á cultura intellectual importa, não só ás mulheres, o que já seria uma recommendação sufficiente como tambem á civilização universal. Estou profundamente convencido de que o progresso moral e intellectual do sexo masculino se acha em grande perigo de deter-se se, o sexo femenino não seguir a sua marcha.»

Grandes tem sido n'este seculo as prerogativas que começou disfructando a mulher.

«A nossa época tem feito a apotheose da mulher illustrada.»

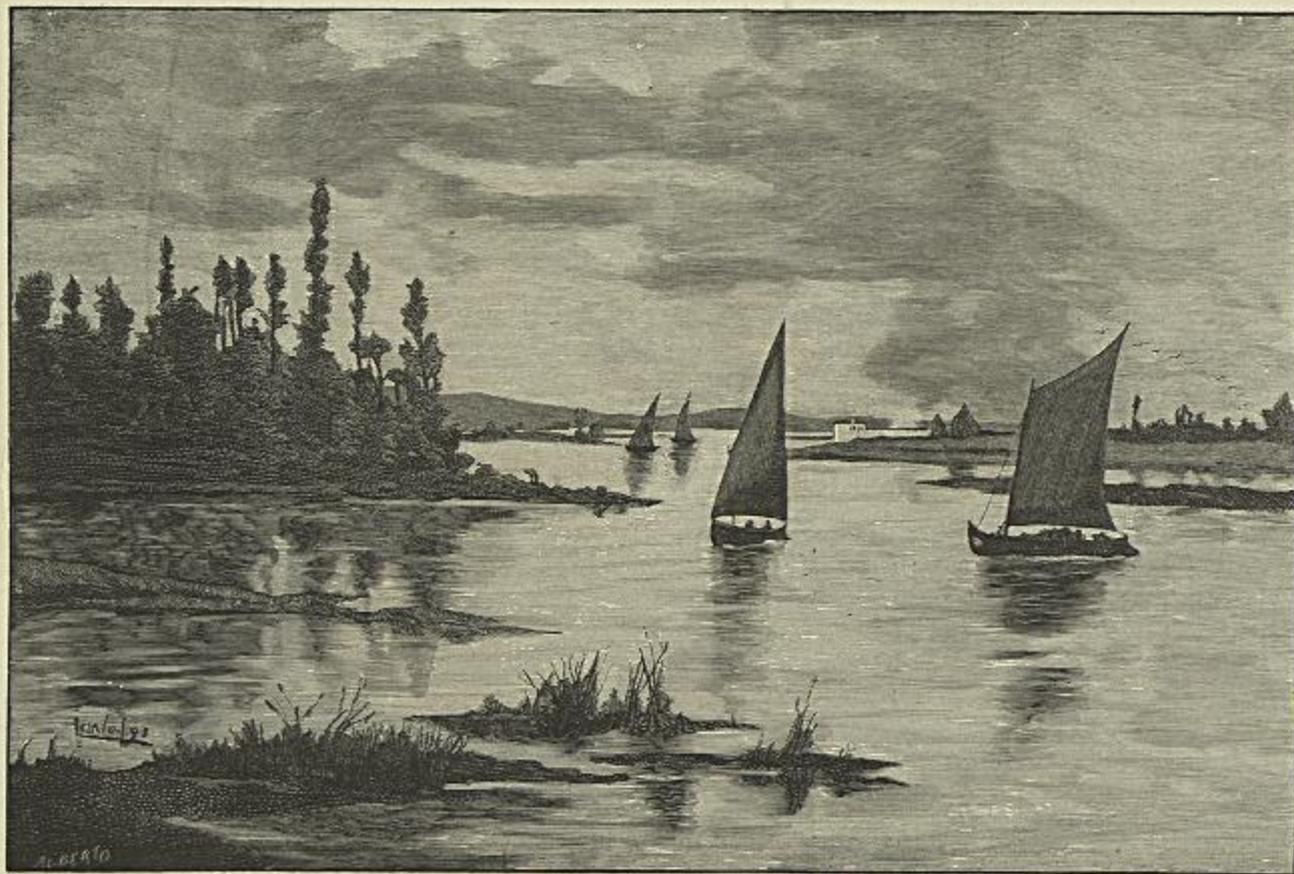
E assim é; as academias abrem as suas portas ás illustradas damas que se propõem a frequental-as e que dos bancos communs, como simples discipulas, tem conseguido subir ao mais alto grau no professorado das universidades de Paris, Stocholmo, e de muitas outras capitães.

Está, pois, frisantemente demonstrado que não tem sexo a intelligencia nem o talento

D. Concepcion Flaquer é prova brilhante do que dizemos, e agora repetimos, apóz a leitura do seu bello livro «Mujeres, vidas paralelas.»

Esteves Pereira.

EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



PAISAGEM DO RIBATEJO — QUADRO A PASTEL POR S. M. EL-REI D. CARLOS

(Vid. artigo *Exposição do «Gremio Artistico»*, pag. 86)

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

## VERSOS DE CAMÕES

Um viajante estrangeiro em Portugal  
no século XVI

I

## TEXTO

## MOTE

Menina formosa,  
Dizei: de que vem,  
Serdes rigorosa  
A quem vos quer bem?

## VOLTAS

Não sei quem assella  
Vossa formosura,  
Que quem é tão dura  
Não pôde ser bella.  
Vós sereis formosa;  
Mas a razão tem,  
Que quem é irosa  
Não parece bem.

A mostra é de bella,  
As obras são cruas:  
Pois qual d'estas duas  
Ficará na sella?  
Se ficar irosa,  
Não vos está bem:  
Fique antes formosa,  
Que mais força tem.

O Amor formoso  
Se pinta e se chama:  
Se é amor, ama;  
Se ama, é piedoso.  
Diz agora a grosa,  
Que este texto tem,  
Que quem é formosa  
Ha de querer bem.

Havei dó, menina,  
D'essa formosura,  
Que se a terra é dura  
Secca-se a bonina.  
Sede piedosa,  
Não veja ninguém  
Que por rigorosa  
Percais tanto bem.

Coifa de beirame  
Namorou Joanne

## VOLTAS

Por cousa tão pouca  
Andas namorado?  
Amas o toucado,  
E não quem o touca?  
Ando cega e louca,  
Por ti, meu Joanne,  
Tu pelo beirame.

Amas o vestido,  
És falso amador.  
Tu não vês que Amor  
Se pinta despido?  
Cego e mui perdido  
Andas por beirame,  
E eu por ti, Joanne.

A todos encanta  
Tua parvoice:  
De tua doudice  
Gonzalo se espanta:  
E, zombando canta:  
Coifa de beirame  
Namorou Joanne.

Eu não sei que viste  
N'este meu toucado,  
Que tão namorado  
D'elle te sentiste.  
Não te veja triste:  
Ama-me, Joanne,  
E deixa o beirame.

Joanne gemia,  
Maria chorava,  
Assi lamentava  
O mal que sentia.  
Os olhos feria,  
E não o beirame  
Que matou Joanne.

Não sei do quem  
Amares vestido,  
Que o mesmo Cupido  
Vestido não tem.  
Sabes de quem vem  
Amares beirame?  
Vem de ser Joanne.

## VERSIONE

## MOTTO

Donzella vezzosa  
Dí: donde provien,  
Che sei rigorosa  
Con chi ti vuol ben?

## SVILUPPI

Non so chi suggella  
In te la bellezza,  
Ché chi ha tanta asprezza  
Non puote ésser bella.  
Sarai tu formosa;  
Má dice ragion,  
Che femmina irosa  
Perde ogni bel don.

Bella é la parvenza,  
Ma non l'opre tue:  
A qual delle due  
Darai preferenza?  
Se tu resti irosa,  
Ció male ti fa:  
Resta anzi formosa,  
Ché meglio sará.

L'Amore formoso  
Si pinge, si chiama:  
E s'egli é amor, ama;  
E se ama, é pietoso.  
Dice ora la glosa  
Che un testo contien,  
Che donna vezzosa  
Dee ognor voler ben.

Di tua beltá almenò,  
Donzella, abbi cura,  
Se la terra é dura,  
Il fiore vien meno.  
Sii dunque pietosa,  
Ché non ti convien,  
Per éssere irosa,  
Guastár tanto ben.

Di cuffia e di panni  
Si innamoró Gianni

## SVILUPPI

Di tal bagatella  
Ti sei innamorato?  
Dunque ami l'ornato,  
Non chi se ne abbella?  
D'amor sono ancilla  
Per te, mio Giovanni,  
E tu pe miei panni.

Se tu ami il vestito,  
Sei falso amator.  
Non vedi che Amor  
Si pinge svestito?  
Pur molto invaghito  
Tu sei dei miei panni,  
Ed io di te, o Gianni.

Di sciocchezza tanta  
Fa ognun gli stupori:  
Di si folli amori  
Gonzálo ti vanta;  
E per scherno canta:  
Di cuffia e di panni  
Si innamoró Gianni.

Non so che vedesti  
In questo mio ornato,  
Che si innamorato  
Te ne manifesti.  
Tuoi di non sian mesti:  
Or ámami, o Gianni,  
Né piú pensa ai panni.

Giovanni gemea,  
Maria piangeva,  
Cosí si doleva  
Del male che avea.  
D'amor si struggea,  
Ma non già pei panni  
Chein namorar Gianni

Non so come avvien  
Ché tu ami l'ornato,  
Se affatto spogliato  
Cupido si tien.  
Sai donde provien  
Ché tu ami i miei panni?  
E' perché sei Gianni.

É muito conhecido em Portugal o nome do famoso Clenardo, e não são desconhecidas entre nós as cartas que elle escreveu dando conta dos costumes portuguezes. Como agora comtudo uma celebre revista ingleza se lembrou de estudar de novo e com mais cuidado a physionomia do celebre flamengo, aproveitaremos o ensejo de o tornar mais conhecido dos nossos leitores, seguindo passo a passo o estudo da *Quarterly Review* de janeiro do anno corrente.

Nicolau Clenardo nasceu em Diest no Brabante em 1465. Estudou em Lovaina no collegio das Tres Linguas, e destinou-se á carreira ecclesiastica. Estudou com ardor o grego e o hebraico, e, se não foi professor d'estas linguas, como por muito tempo se suppoz foi pelo menos o que os allemães hoje chamam *privat-docent*, quer dizer authorisaram-n'o a fazer prelecções livres no famoso collegio. Foi então que elle escreveu a sua grammatica hebraica com o titulo modestissimo de *Tabula in grammaticen hebraeam*. Impresso em 1528 teve antes de chegar o fim do seculo, 24 edições. Mais feliz foi ainda com a sua grammatica grega porque essa foi adoptada no ensino de toda a Europa até quasi ao fim do seculo immediato. Lafontaine assim o mostra n'estes dois versos:

*Un écolier qui s'musait naguère  
A' feuilleter Clénard et Despautère*

Despautère era author de uma grammatica latina, mas esse ainda, a escrevera no tempo de Lafontaine, ao passo que quando Lafontaine escrevia estes versos já Clénard morrera havia mais de um seculo.

Nada mais curioso do que a anciedade e soffreguidão com que no tempo do nosso Kleynardts se aprendiam as linguas. Havia perfeitamente uma febre philologica, de que nos nossos tempos eruditos se não pôde formar uma idéa. A avidez com que os viajantes orientalistas se embrenham hoje na Mesopotamia e no Egypto para decifrar os caracteres cuneiformes, ou para comprehender melhor os heroglyphos nada tem que se compare com o ardor militante d'esses tempos. Para comprehender o chaldaico e sobretudo o arabe saiu Clenard aquelle pacífico burguez flamengo, da sua querida patria, foi a Paris, foi a Hespanha, veio a Portugal, esteve em Marrocos, abandonando as suas queridas commodidades, e affrontando em Fez mais perigos do que os que podem affrontar hoje nas ruinas de Susa o sr. Dieulafoy e a sua varonil e desembaraçada esposa.

Mas sobretudo o que seria interessantissimo de seguir, se não tivéssemos pressa de chegar ás cartas em que Clenard conta as impressões da sua estada em Portugal seria o trabalho improprio a que Clenard se sujeitou para poder aprender o arabe, que era lingua desconhecida na Europa septentrional, e ácerca da qual não era facil encontrar livros que a explicassem e ensinassem. Clenard estudou-a indirectamente, reconstituindo sósinho o alfabeto arabe, apanhando aqui umas letras, além outras, e estava entregue a este formidavel trabalho quando appareceu em Lovaina o filho de Christovão Colombo, o famoso D. Fernando Colon, acompanhado por um sabio nosso patricio, o não menos famoso André de Rezende.

Rezende pôde conhecer Clenard, e admirou a sua erudição, inculcou-o a D. Fernando já então riquissimo, fez com que elle fosse ouvir uma das prelecções de Kleynardts, e isso bastou para que D. Fernando Colon o contractasse para exercer o lugar de seu bibliothecario em Sevilha. Kleynardts accitou com enthusiasmo. Ir a Hespanha, ir á Andaluzia sobretudo era aproximarse das fontes da erudição arabe. Podia ser que lhe custasse deixar a sua querida Lovaina, os seus mansos estudos, as suas prelecções, a sua vida pacata e burgueza, mas tudo cedeu diante d'essa irresistivel tentação, e d'ahi a pouco D. Fernando Colon, seguia para o sul acompanhado por tres sabios de polpa o portuguez André de Rezende, e os flamengos Nicolau Kleynardts, e Jean Vassé.

II

Apenas, depois de ter atravessado a França, atravessou tambem os Pyreneus, o pobre Kleynardts sentiu que o seu espirito podia lucrar muito com a viagem, mas que o mesmo não aconteceria no seu corpo.

Peragallo.

«Atravessámos a fronteira na vespera de S. Martinho, e teríamos de guardar o mais rigoroso jejum, se um de nós não fosse procurar pão, outro vinho, um terceiro peixe e o quarto uvas. Bem se diz que em França se ha-de gastar dinheiro quer se queira quer não, e que em Hespanha, por mais que se queira, não se póde gastar nada. Mas o nosso patrão D. Fernando e o nosso poeta Resenduis fizeram tudo o que poderam para aplanar as difficuldades da jornada, e mostrarem uma verdadeira anciadade para que nada faltasse aos dois Brabantinos que não estavam costumados ás durezas do viajar. Mas o genio do paiz foi superior a toda a sua anciadade e a toda a sua liberalidade. Imaginae o infortunio que nos succedeu não longe de Victoria. Quando se poz a meza, vimos que havia só um copo que passava de mão em mão. Quando chegou a Vassée, este deixou-o cair e quebrou-o, de fórma que tivemos de beber, como Diogenes, no concavo das mãos. N'outra occasião estavamos jantando n'uma estalagem quando chegaram outros viajantes, e tivemos de lhes passar o unico prato que havia. Por isso podeis imaginar que barbaro paiz que é a Hespanha. Logo que chegámos ás Asturias, vimonos privados de todo o luxo a que estavamos costumados em Flandres, e assim nos fomos preparando para soffrer maiores durezas. Achámos Burgos tão fria como Lovaina e ainda mais fria porque se não podia arranjar lume. Lembrome de uma bella e populosa aldeia junto de Burgos onde só podemos obter duas achas de lenha. Não havia mais nenhuma e o inverno era severissimo. Passo em claro Valladolid onde estivemos uns dez dias até sabermos que estava preparada para nós uma residencia razoavel em Medina del Campo, para onde fomos, e onde a Imperatriz tinha então a sua côrte.

Chegando a Salamanca, sentiu-se Kleynardts encantado com a erudição que alli encontrou. Estranhou com tudo a pouca importancia que se ligava ao arabe. Um dos mais eruditos professores lhe disse que não valia a pena estudar a lingua arabe, que era um idioma perfeitamente barbaro. Além d'isso os costumes de Salamanca eram demasiadamente espectaculosos para um solitario como elle. Tinha de fazer repetidas conferencias, de estar constantemente a ostentar o seu saber. Por isso accitou com jubilo o offercimento, que lhe foi feito pelo rei de Portugal, D. João III, de ir ser professor de seu irmão, D. Henrique. Foi André de Rezende o portador da proposta. Devia ir para Evora, receberia 200 ducados por anno, além de casa, cama e meza e uma pensão para a sua velhice. O que mais o seduziu contudo foi a certeza de encontrar em Portugal um grande numero de arabistas. Soube com prazer que um medico da côrte lia Avicenna no original. Enlevado com esta perspectiva, o nosso flamengo abandonou Salamanca e dirigiu-se para Evora.

(Continúa.)

Pinheiro Chagas.

## ORIGINALIDADES

(CONTO BRITANICO)

Todo o infortunio tem direito a uma lagrima ou a um ai saudoso como a felicidade a um sorriso do coração; e este direito é tão natural que o homem, sem mesmo o saber, tanto chora em face da dôr alheia como se rejubilla com o prazer dos outros.

É esta a indole do coração humano.

Expliquem-o, se podem, os amantes escrutadores dos mysterios d'alma, que a mim só me basta conhecer o facto.

Foi, talvez, por força d'esta lei que ao lér uma memoria manuscripta — e pouco importa saber como me veio á mão — nos meus olhos marejaram lagrimas mal represadas, que mancharam algumas palavras do precioso memorial depois de terem rolado pelas faces, que verdade, verdade, deveriam estar a esse tempo tão lividas como as do *cadaver moribundo* de um litterato que conheci nos meus tempos de rapaz.

É que acabava de passar-me por deante do espirito a narrativa mais tetrica, mais cheia de commoções attrahentes, palpitantes e fascinadoras que em minha vida tenho lido depois da *torre dos sete morcegos* e outras leituras quejandas tendo, todavia, sobre estas a superioridade do verosimil.

Não é uma lenda d'aquellas com que as avós costumam embalar o somno ou acariciar a imaginação dos louros netos: é um facto.

Nem eu me occuparia das trivialidades de um assumpto que não fosse real: a chimera, o phan-

tastico attrahe, mas não affecta o sentimento, e o sentimento é o meu fraco.

Acho prazer em alliviar o coração despejando uma torrente de lagrimas que o suffocam, mas creio ser uma tollice borrifar com tão precioso liquido a fronte febril de um D. Quixote.

Amo as creações de um Julio Diniz e detesto as idealidades d'um Cervantes.

Não se admirem... sou membro da patriótica associação *primeiro de dezembro*, e isto basta para explicar o caso.

Noto, porem, que longa vae a cavaqueira preambular e que as descendentes leitoras, posto lhe abunde a delicadeza para não me chamarem massador, terão já dito muito baixinho e de modo que o som harmonioso e fresco da sua voz não transponha sequer a alva linha que internamente lhe reveste os nacarados labios — fóra com tanta pieguice... não é delicado provocar assim a femil curiosidade!

Pois bem, minhas senhoras, peço perdão por lhes ter contrariado um pouco a sua natural anciadade; mas receiando que a minha condescendencia faça nascer uma outra ordem de considerações que me sejam menos favoraveis, permittase-me ainda uma declaração prévia antes de entrar no assumpto.

Sou respeitador convicto do sexo amavel e nunca, por principio algum, deixarei de o ser.

Não conheço a mulher senão pelo ideal que d'ella tenho formado e tambem pela historia. Atravez d'estes prismas julgo-a um mimo da criação, uma fada do lar, um talisman da felicidade, uma estrella do bem, que vive para o sentimento e para o amor; uma rainha cujo throno é o universo, cujo poder é um sorriso, um gesto, um volver d'olhos, uma lagrima, e cujo estado é o coração do homem.

Affirmam que era escrava, mas a historia que é de uma bisbilhotice incrível, aponta-nos para os tyrannos para os despotas da selvageria ou da civilização, para quem era perfeitamente indifferente o rolar das cabeças decepadas ao seu mando, prostrados aos pés da mulher, offerecendo os pulsos e anhelando a escravidão.

É assim que eu aprecio a mulher; são aquelles os titulos do meu respeito.

D'accordo com este modo de pensar, reprovou tudo quanto possa dizer-se em seu desabono: tenho como uma vilania, uma offensa imperdoavel e até como um crime de maxima penalidade descobrir-lhe a mais leve mancha ou levantar a ponta do veu que lhe vela a candura.

Posto isto, entenda-se que, se no decorrer da narrativa houver alguma expressão em desabono das mimosas filhas d'Eva, destino a responsabilidade d'ella para o personagem que menos delicadamente a soltar; não posso perffilhal-a, e se não tiver progenitor que vá para o rol dos engeitados que eu, por mim, não terei compaixões.

Vamos ao conto.

Era uma manhã...

Ainda outra observação, e será esta a ultima dos preliminares, palavra d'honra.

Coagido pelo dever de uma promessa solemnisima, restitui o manuscripto a quem m'o confiara apenas terminei a leitura, e não é a copia d'elle, por tanto, que vou entregar ás auras da publicidade, mas uma reprodução do que me ficou nos escaninhos da memoria, e que será por isso tanto mais fiel quanto mais esta senhora se dignar auxiliar-me.

Perderá a belleza da narrativa, bem o sei, mas posso affirmar que não será alterada a successão e a ordem dos factos capitaes.

Lá vae, em fim.

\* \*

Vivia em Londres, a terra das harmonias ruidosas, pelo anno da graça de 18... mr. Williams Kear, gentleman completo e typo do verdadeiro inglez, do homem excêntrico, do homem *sui generis*, que vive para se aborrecer e que se aborrece por viver.

Era ainda novo. Tinha trinta e cinco annos mal acabados, e que chegaria certamente a completar se não tivesse a desastrada ideia de se divorciar d'este mundo alguns minutos antes de contar com todo o rigor chronometral a ultima hora do seu trigésimo quinto anniversario natalicio.

Perfeitamente em paralelo com o fio de prumo, e parecendo cheio de indifferença por tudo quanto o rodeava, nutria, entretanto, no seu intimo um certo orgulho pela sua pessoa, o que lhe fazia sobresahir a phisonomia nobre e deixava antever no todo a raça fidalga da sua ascendencia.

(Continúa.)

A. Motta.



## NOVIDADES DA SCIENCIA

O ECLIPSE DO SOL. — O eclipse do sol verificou-se em 16 do corrente foi um dos mais notaveis do nosso seculo. Esse eclipse foi total para todos os logares porque passou a curva do eclipse central. Na nossa gravura podem os leitores consultar o mappa, em que estão traçadas as curvas que representam, sobre a superficie do globo, a marcha da sombra e da penumbra lunar durante o total eclipse.

A sombra da lua alcançou primeiramente a Terra ao sul do Pacifico ás 11 h. 32 m. e 7 s. da manhã (do dia civil em S. Fernando) e dirigindo-se ao NE., atravessou a costa do Chile aos 29° de latitude S., duzentas milhas ao N. de Santiago; cruzando tambem a Republica Argentina e o Brazil, invadindo a costa E. da America aos 4° de latitude S., e cruzando o Atlantico passou pela costa d'Africa aos 14° de latitude N., ás 4 h. 50 m. e 3 s. da tarde. A maior duração da totalidade 4 h. e 16 m.

No proposito de estudar este importante phenomeno, organisaram-se varias expedições scientificas para contribuirem com as suas observações para o adeantamento do estudo da phisica solar.

O *Bureau de Longitudes* organisou uma expedição a cargo dos srs. Deslandes e Bigourdan, que se estabeleceu na costa d'Africa, perto de Joal, a umas sessenta milhas ao S. de Dakar. O conde de La Baume Pluvinel, da *Société Astronomique* de França, observou-o tambem no mesmo ponto.

Os inglezes tambem organisaram as suas expedições compostas de individuos da *Royal Society*, *Royal Astronomical Society* e do *comité de phisica solar de Science and art Department e South Kensington* foram duas: a primeira a cargo do professor Thorpe que se fixou nas margens do rio Saloum, a umas sessenta milhas de Barthurst; e, a segunda dirigida pelo sr. Taylor, que observaram o eclipse em Paracurá, ponto da costa do Brazil a quarenta milhas a O. do Ceará. Além d'estas commissões ha noticias de outras seis que se installaram no Chile. Duas organisadas pelos governos do Brazil e do Chile e as outras quatro pelos observatorios norte-americanos do Collegio Harvoard e de Lick, pela Universidade de S. Luiz de Washington e pelo professor David Todd.

Na Italia tambem se organisou uma expedição. A maior parte das commissões scientificas, ás provas photographicas que obtiveram, aggregaram as medidas photometricas visuaes e em todas provavelmente se observarão exactamente as horas precisas e as peculiaridades phisicas que offereceram as differentes phases do grande phenomeno.

Na peninsula, embora o eclipse só fosse parcial para esta parte da terra, tambem os observatorios trabalharam e observaram o mais que podiam: mediram a parte eclipsada e photographaram a corôa solar e mais se não fez d'importante por estarmos mui afastados da linha central do eclipse.

Desde 1871 que se não observava em Lisboa um eclipse solar, de maneira que havia bastante interesse n'este, não obstante ser pequena a porção eclipsada. A diminuição da luz foi quasi insensível para quem não estava prevenido. Contudo, innumeradas pessoas o observaram servindo-se para isso, uns d'um vidro simplesmente fumado a petroleo, cebo ou agua-raz, outros de lunetas coloradas d'azul e auxiliando-se com um binoculo de pequeno alcance.

Nos angulos da nossa gravura vêem-se claramente as phases observadas:

Fig. 1 *Primeiro contacto* ás 2 h. e 32<sup>m</sup> da tarde.Fig. 2 *Phase media* ás 2 h. e 45<sup>m</sup> 30<sup>s</sup> da tarde.Fig. 3 *Maior phase* ás 3 h. e 33<sup>m</sup> da tarde.Fig. 4 *Ultimo contacto* ás 4 h. e 12<sup>m</sup> da tarde.

A parte eclipsada teve o valor 0,299, tomando como unidade o diametro do Sol.

\*

Fallámos scientificamente portanto historiemos um pouco, sobre os eclipses.

Para os antigos, um eclipse total do Sol ou da Lua era considerado como um verdadeiro trans-torno da Natureza. A Lua ou o Sol perderem a sua luz! Indubitavelmente que isto presagiava alguma desgraça, alguma guerra, peste ou um diluvio.

Outros, julgavam que era o fim do mundo ou que um dragão horrivel devorava o Sol ou a Lua, crença esta que na Persia a tradição ainda conserva e em algumas cidades da China, cujo perigo conjuram os seus habitantes fazendo um baru-

lho infernal com toda a classe de instrumentos, crendo que d'esta forma larga o monstro a sua preza e foge espavorido, aterrorizado.

Diz Fontenelle que em 1654, quando se ia verificar um eclipse do sol, a maioria dos habitantes de Paris foi esconder-se nas adegas.

Em 1415 e 1560, na Bohemia até os passarinhos cahiram assustados. Em 1706 em Montpellier os morcegos voltavam como se fosse ao cair da noite; e as gallinhas fugiam para os poleiros.

Alguns homens illustres serviram-se na antiguidade da predicção dos eclipses para os seus desígnios. Um d'elles Druso, apasiguou uma sedicção, predizendo um eclipse da lua; e, Sulpicio-Gallus empregou o mesmo estratagemna na guerra de Perseo contra Paulo-Emilio. Agathocles, Pericles e Dion rei da Sicilia, por pouco que não foram victimas da ignorancia dos seus soldados.

As fabulas engendradas sobre os eclipses são innumeradas: que é o effeito da colera divina, que pretende privar o homem da luz do sol; que é Diana que vae encontrar-se com Endymião nas montanhas do Caria.

Uma outra fabula extremamente feerica — é a das bruxas da Thessalia que ordenam á lua desça sobre as hervas destinadas ás suas bruxarias.

Hoje, toda a gente illustrada sabe que os eclipses do Sol e da Lua são phenomenos naturaes, extranhos completamente aos assumptos e miserias humanas; que os da Lua são devidos á interposição da Terra entre o Sol e o nosso satellite, assim como os do Sol pela interposição da Lua entre a Terra e aquelle immenso bloco de luz, cujo estudo, principalmente nos seus eclipses totaes, que são os mais uteis e importantes, em grandes applicações, arrastam profundos problemas e servem para facilitar o conhecimento da constituição phisica do Sol, por meio da analyse espectral, que tantos segredos já tem arrancado ao mundo exterior.

Actualmente o phenomeno pôde predizer-se com inexcedivel exactidão, o que demonstra a que aperfeiçoamento chegaram as taboas astronomicas, porque os eclipses dependem da situação relativa do Sol, da Lua e da Terra, dos seus volumes, velocidades e parallaxes.

Todas as 223 lunações, isto é, todos os 18 annos e 10 a 11 dias

o Sol e a Lua acham-se na mesma posição relativa aos nodos lunares que são os pontos de intersecção do plano da orbita da lua. Repetem-se pois os eclipses n'este periodo approximadamente. Era a este periodo que os chaldeus chamavam *sarós* e de que se serviam para equal fim.

A rara circumstancia que offerecem estes acontecimentos celestes, de se não verificarem em uma mesma região da terra senão de longos em longos periodos, faz com que sejam esperados com grande impaciencia pelos sabios a quem os governos dos paizes civilizados prestam auxilio para que estudem este phenomeno e pelas emprezas scientificas que do seu estudo tiram as mais proveitosas indicações para a Sciencia.

E. P.



## REVISTA POLITICA

A supressão do subsidio á imprensa estrangeira para nos fazer *bichinha gata*, vae sortindo os seus

effeitos, como não podia deixar de ser com tão preclaros e conscienciosos varões.

Mas que o sr. ministro da fazenda se não arrenda algum dia de ter praticado acção tão meritoria.

Diz-se que chegava a trezentos contos de réis o que se dava pela *chantage*, o que, em verdade, nos parece um bocadinho exaggerado para a compra do genero, se attendermos que ás vezes um simples almoço e até um charuto, faz dizer coisas que assim não são.

Uma abarrotadella de dignidade!

Como graças a Deús, não somos intermediarios do tal negocio, tanto se nos dá que fossem cincoenta e quatro contos, como a principio se disse, ou trezentos contos, como agora se diz, o custo d'este serviço sujo, e então que lá se avenham, os de cá e os de lá, que entrevinham na operação, se os seus honrados lucros foram por agua abaixo.

Chorem se lhes apraz, porque a lagrima é livre, mas não reforcem a sua campanha de descredito,

hospitalidade que recebe e o dinheiro que teria vontade de continuar a receber.

Para a fronteira seu correspondente.

E no fim de tudo não só estes correspondentes e quejandos que vociferam contra o governo e em especial contra o sr. ministro da fazenda, ha por cá mais alguém que vocifera e outros que estão com vontade de vociferar contra sua ex.ª por causa de os fazer pagar o que nunca deviam ter deixado em divida.

Eram os privilegiados, os que se consideravam isentos da lei pelas suas artes e meritos, que cahiram agora na cruel realidade.

Mas ainda aqui não param os descontentes. Já por aqui e por acolá começam a levantar-se difficuldades ás inspecções ás propriedades e revisão das marizes, principiando pela difficuldade de organisar as respectivas commissões.

Era de esperar e crêmos que o sr. ministro da fazenda havia de contar com isto, e então lá terá o seu plano de resistencia para que a lei se cumpra.

No caminho encetado não pôde recuar, porque recuar é morrer; não pôde transigir, nem pôr o pé mal posto, porque o trambulhão é certo.

Até são as tentações que mais o hão-de cercar, para o perderem.

Libre-se de tentações sr. ministro da fazenda se quer ir direitinho ao seu fim.

Imperturbavel e austero, não se deixe seduzir pelos que lhe solicitarem favores, que n'estes casos até podem ser commendados para o perder.

Olhe que ha gente para tudo!

João Verdades.



Assumptos Diversos.  
II. *Alvires Financeiros* offerecidos ao Ill.º e Ex.º Sr. Ministro da Fazenda, por Francisco Simões Margiochi. Lisboa, Imprensa Nacional, 1893.

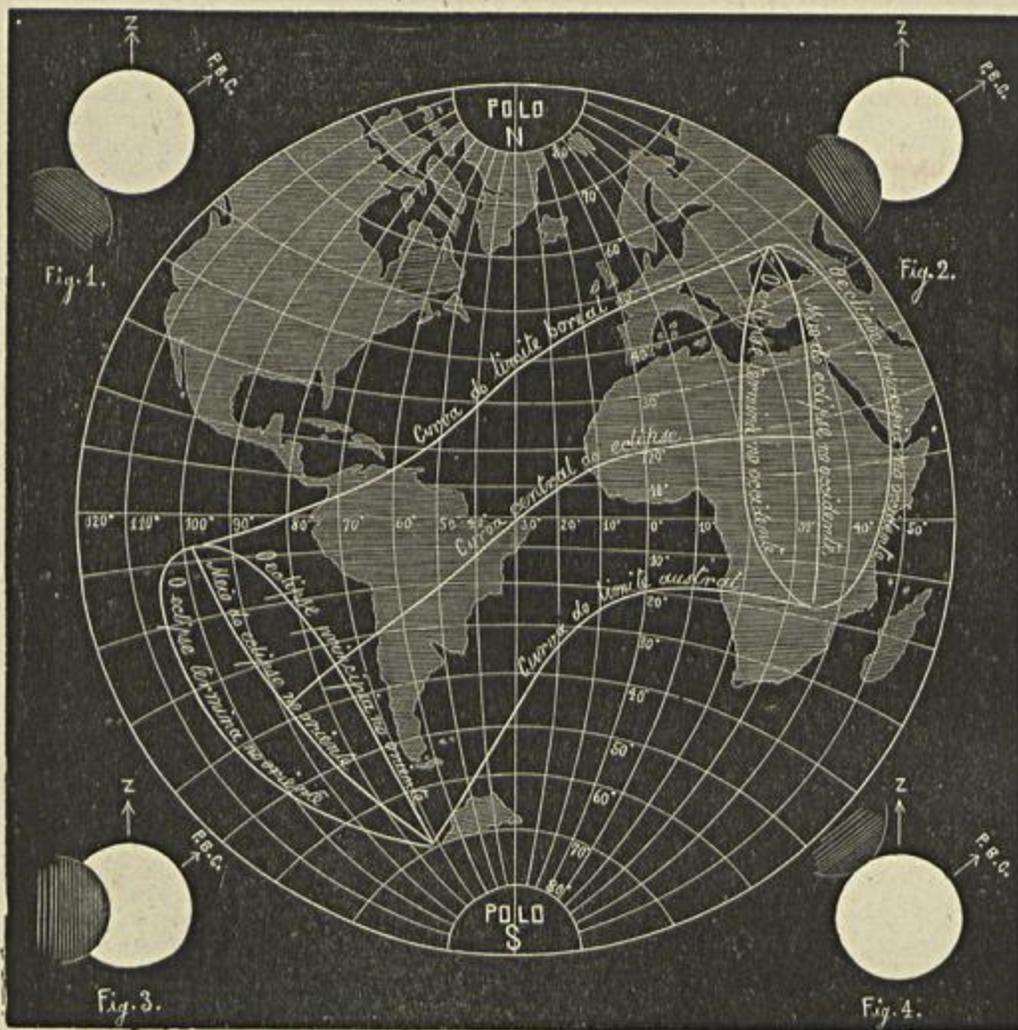
Um folheto de 12 paginas in-8.º Este folheto é um punhado de verdades sobre a desigualdade da divisão dos tributos e o modo por que se illude o fisco. O sr. Margiochi concluiu que entre os banqueiros ha os que pagam 1, 2 e 3 por cento de contribuição.

Proprietarios, se são conscienciosos pagam 20 a 25 por cento, havendo n'esta classe differenças de 57 por cento em identidade de circumstancias!

Apresenta depois projectos de lei para remediar estes males e para augmentar as receitas do Estado, sem vexame para os contribuintes.

Os *Alvires Financeiros* do digno par do reino sr. Margiochi, tiveram larga publicidade na imprensa diaria, que os apreciou devidamente, e não deixaram de influir no espirito do governo, para as medidas ultimamente decretadas e outras que terão de o ser, porque a verdade por fim triumphou de todas as sophismas com que a pretendem illudir, e por isso nos abtemos de os reproduzir aqui, onde só damos noticia das publicações que recebemos.

Com o louvor que o patriotico e util escripto do sr. Margiochi merece, agradecemos ao auctor a sua amavel offerta, que archivamos no melhor logar da nossa pequena bibliotheca.



O ECLIPSE DO SOL DO DIA 16 DO CORRENTE

Vid. art. «Novidades da Sciencia»

porque é trabalho baldado. Se fatigam a sua prosa maldizente para verem se commovem o sr. ministro da fazenda a que volte a abrir as arcas do thesouro, parece que perderão o seu tempo e o seu trabalho honesto; se é por vingança, paixão ruim que fica mal em peitos generosos, reparem que os extremos tocam-se, e tanto mal hão-de fallar, que acabarão por toda a gente acreditar o contrario d'aquillo que disserem.

Todo este aranzel vem a proposito de uma correspondencia de Lisboa, publicada no *Economiste Européen*, dizendo cobras e lagartos do estado financeiro de Portugal e mais do actual governo, que está por um fio, especialmente o sr. ministro da fazenda, contra o qual estão assestadas todas as baterias destruidoras, onde não falta, já se vê, o trabuco do honrado correspondente.

A Tarde diz n'um artigo com que censura o consciencioso correspondente, que este deve ser por força estrangeiro, e nós dizemos que é pena não se saber com certeza quem é esse estrangeiro, porque estamos convencidos que o governo o mandaria pôr na fronteira antes de vinte e quatro horas.

Assim devia ser a quem tão bem agradece a